



Comunicação, trabalho e educação: cenários e aproximações teóricas¹

Michel Carvalho da SILVA²

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP

RESUMO

Neste artigo, refletiremos sobre as relações de comunicação no mundo do trabalho, numa tentativa de estabelecer aproximações conceituais com o campo da educação. Para isso, rememoramos as transformações ocorridas nas forças produtivas ao longo da história, além de considerarmos a ergologia como abordagem teórico-metodológica capaz de verificar como a educação e o mundo do trabalho podem estar imbricados sob a perspectiva da atividade humana. Revisamos também aspectos teóricos da linguagem, da recepção e da ação comunicativa como suportes dessa reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; trabalho; educação; linguagem; recepção.

Introdução

Ao estudar o binômio comunicação e trabalho, verificamos que as transformações advindas do mundo do trabalho influenciam no modo de viver das pessoas, modificando desde práticas culturais até mesmo o sistema de ensino adotado pelos países. Diante disso, é possível observar que as instituições de educação tiveram de ser adaptadas ao longo dos anos, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital.

O presente artigo pretende aproximar os campos da comunicação, trabalho e educação, partindo da premissa de que o processo comunicacional tem atuado de forma determinante nas novas formas de organização e na gestão do trabalho, da mesma forma que está reconfigurando o processo de aprendizagem dos alunos e a prática pedagógica dos professores. Essas mudanças são resultantes, em parte, pela presença massiva das TICs (tecnologias de informação e comunicação) na sociedade contemporânea.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na linha de pesquisa Comunicação e Educação. Email: michelcarvalho@usp.br



Entendemos o conceito de trabalho sob a perspectiva ergológica, o que significa enxergá-lo como atividade humana e não somente como relação de troca remunerada. A Ergologia, uma abordagem teórico-metodológica desenvolvida pelo filósofo Yves Schwartz, nos fornece um conjunto de propostas para a análise das situações de produção, o que pode colaborar para a aproximação entre comunicação, mundo do trabalho e educação.

Outro ponto de convergência entre os três campos está ligado ao estudo de recepção, com enfoque para as mediações, ou seja, aqueles lugares em que sujeito e seu meio cultural e social interagem. Esses espaços são lócus privilegiados onde se dão as relações de comunicação. Por isso, para analisar como um trabalhador entende determinada informação ou um estudante se apropria de certo conteúdo, é preciso descobrir o que acontece na igreja, no bar, no salão de cabeleireiro, na feira do bairro, no estádio de futebol, enfim, verificar o que ocorre na rede de comunicação cotidiana.

Como campo pluridisciplinar, a comunicação é atravessada por vários saberes das ciências sociais, isso pressupõe diferentes métodos de interpretação. No caso específico das relações de comunicação no mundo do trabalho e da educação, podemos apontar o discurso como material estratégico para compreensão da subjetividade e a produção de sentidos. Dessa forma, os conceitos da Análise do Discurso são fundamentais para revelar as situações de enunciação, as dimensões estéticas, de formato e gênero da linguagem verbal.

O artigo ainda pretende dialogar com as afirmações de Habermas no que se refere à ação comunicativa, que considera a linguagem como um meio em busca do consenso e da razão dentro do que ele nomeia “mundo da vida”, independente das relações sociais. Contrariando o filósofo alemão, acreditamos que o entendimento entre os sujeitos em interação é condicionado a uma série de circunstâncias, das quais, destacamos as forças produtivas dentro do mundo do trabalho, a educação escolar e as práticas culturais.

As transformações no mundo do trabalho e a ergologia

O trabalho determina as relações humanas, sendo que o homem muda a si próprio com a sua atividade. Ao longo dos anos, o que se viu foi uma separação entre o trabalhador e sua produção. Aquele que trabalha não se reconhece no próprio trabalho produzido, o que mostra a transfiguração do indivíduo pelo sistema produtivo. Essa



mudança nos remete ao filme *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin, que retrata a jornada de trabalho numa linha de montagem em que os funcionários são “engolidos” pelas máquinas, numa crítica direta à mecanização dos processos, em que o homem passa à condição de objeto.

Para entender o que estamos vivendo, é preciso pensar essa realidade a partir da divisão do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas. Para isso, devemos recorrer a Marx, que considera a força de trabalho como mercadoria do homem. Segundo o pensamento marxista, o trabalho é tanto abstrato quanto concreto.

Enquanto o primeiro se caracteriza pelo uso da força humana, no sentido fisiológico, para criar o valor de troca das mercadorias em função do necessário para produzi-las. O segundo pode ser considerado aquele em que a força humana é utilizada para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil, produz-se valores-de-uso.

O problema é que o capitalista, como responsável do processo de trabalho, encontra no caráter flexível da força de trabalho do homem, o recurso essencial para a expansão do capital. Isso se refletiu na alienação dos processos de produção da classe trabalhadora, que sofreu a mais aguda crise do século XX, atingindo não só a sua materialidade, mas também sua subjetividade.

Em parte, essa crise foi agravada pela expansão do toyotismo, modelo de organização do trabalho que provocou grandes transformações no processo produtivo, causando o crescimento do desemprego estrutural. Se o fordismo se caracterizava pela produção em série e de massa, o toyotismo prioriza a produção para o consumo. Outro traço marcante do modelo japonês é a acumulação flexível, que se apoia na flexibilidade dos mercados, produtos, padrões de consumo e dos processos de trabalho.

Com as transformações ocorridas nos últimos tempos nas empresas, o que se observa é que quanto menos o homem tem autonomia no processo de trabalho, mais a sociedade está dependente da eficiência das tecnologias e da gestão dos patrões, que controlam as relações de trabalho.

Para Marx, o homem é um ser social e como tal está sempre ligado às condições sociais. No entanto, é um homem real e concreto, de carne e osso, e, por isso, o indivíduo deve ser sempre o ponto de partida para se pensar a sociedade. O marxismo que foi acusado de ignorar o indivíduo humano ou de não considerá-lo isolado do grupo humano, considera que não há como admitir um mundo que exista independentemente do homem, da mesma forma, não há como aceitar que o mundo existia antes de existir o homem.



Pensando no homem, a Ergologia é uma disciplina que estuda a atividade humana, especialmente aquela relacionada ao trabalho em suas múltiplas relações. Para Schwartz (2008), o principal objetivo da abordagem ergológica é investigar o que acontece entre o trabalho prescrito e o real. Segundo ele, em todo trabalho há uma 'renormatização' das normas que envolve o 'uso de si pelos outros' e o 'uso de si por si mesmo'. Desse modo, a atividade humana é o encontro entre o trabalho prescrito e a experiência.

A proposta da ergologia é a de analisar as situações concretas de trabalho para, a partir do ponto de vista daquele que executa as tarefas, verificar os problemas e as relações de comunicação que se estabelecem, refletindo sobre os valores suscitados naquela ambiente.

Em relação ao espaço escolar, a abordagem ergológica pode auxiliar os professores e demais profissionais de educação a discutirem seu papel na escola como ambiente promotor do conhecimento. Esses trabalhadores são meros cumpridores de normas? As condições de trabalho são adequadas? Esses profissionais se sentem protagonistas num lugar centrado exclusivamente no aluno? Como o diálogo é estabelecido entre os diferentes atores (alunos, professores e funcionários)?

Essa aproximação entre a educação, a comunicação e a ergologia é sugerida por Figaro (2011), que enxerga essa possibilidade por meio da educomunicação³, campo da inter-relação comunicação/educação:

A aproximação entre educomunicação e ergologia se dá porque ambas as abordagens ressaltam a importância da práxis e propõem que as atividades produzem experiência e conhecimento que devem ser discutidos e democratizados. (FIGARO, 2011, p.3)

Nessa perspectiva, a comunicação precisa ser pensada além de seus aparatos, sem uma visão determinista. A comunicação surge no momento em que a necessidade de trabalhar em grupo determina o estabelecimento de determinadas relações do homem com o ambiente e entre os próprios sujeitos. Fazendo parte da força produtiva e se desenvolvendo como mediação do trabalho, a comunicação é reconhecida como uma

³ Segundo Citelli (2011), a educomunicação não indica apenas a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação. Para o autor, a educomunicação busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo.



mercadoria, dada a sua centralidade na sociedade contemporânea. Como observa Lacoste (2007), ela significa custo, mas também produtividade.

Relações de linguagem no trabalho e na educação

Santos (2005) enxerga uma ruptura na dicotomia entre trabalho e educação. Inicialmente, educar significava transmissão de cultura e formação de caráter, mas com o tempo, passou a ser também ensino de conhecimentos técnicos que atendam às necessidades dos meios de produção. Por outro lado, o trabalho, que era visto como força física utilizada nos meios de produção, passou a ser também um trabalho intelectual. “Assim, a educação cindiu-se entre a cultura geral e a formação profissional e o trabalho, entre o trabalho não qualificado e o qualificado” (2005, p. 196). Com isso, o espaço produtivo pode se tornar numa comunidade educativa, em que as relações de comunicação são fundamentais para consolidar esse processo.

Não há como analisar o mundo do trabalho e a educação sob a perspectiva da comunicação sem refletir primeiramente sobre a linguagem e o discurso. Mas, antes de falar de linguagem é preciso fazer algumas considerações a respeito de sua relação com o pensamento. Esses dois elementos não são iguais, apesar de serem inseparáveis.

Para Leontinev (2004), o pensamento é, em seu sentido próprio, considerado como o processo de reflexo consciente da realidade, nas suas propriedades, ligações e relações objetivas. Desse modo, o pensamento é conhecimento, intrinsecamente ligado à prática e à experiência.

O pensamento se manifesta sempre em uma língua, entendida por nós, como um sistema de signos de uma dada comunidade de falantes. Por isso, a linguagem, como unidade verbal e mental, tem papel ativo na constituição da atividade intelectual do homem. Como afirma Schaff (1976, p. 252), “a linguagem, não só constitui o ponto de partida social e a base do pensamento individual, mas também influencia o ‘nível’ da abstração e da generalização deste pensamento”.

Pensando nesta relação linguagem-pensamento, podemos afirmar que os recursos lingüísticos são a base da capacidade humana para manifestar-se racionalmente. A palavra, que sempre é uma operação do pensamento, é a materialidade da linguagem, a qual é modelada pela práxis social.

Como lembra Leontinev, “a produção da linguagem como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à



comunicação material dos homens” (2004, p. 93). Assim, quando se trata do mundo do trabalho, é necessário refletir sobre a atividade linguageira, uma vez que as representações ganham materialidade por meio da linguagem.

Vigotski (2005) considera que a verdadeira comunicação requer tanto significado quanto signos. E quando falamos em signos não podemos esquecer a dimensão ideológica envolvida nesse processo. Bakhtin ressalta que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos, não existe ideologia” (1988, p. 29). Ele ainda ressalta que cada signo não é apenas um reflexo da realidade, mas também um fragmento material desta.

Ainda de acordo com o pensamento bakhtiniano, o sistema de signos que constitui uma determinada ideologia só pode existir quando há dois indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. E, nesse sentido, a palavra tem papel fundamental, atuando como signo. Dessa forma, Bakhtin nos mostra que a palavra, com todas as suas propriedades, é o objeto fundamental do estudo das ideologias.

No entanto, para essa análise, o filósofo russo aponta como indispensável, as seguintes regras metodológicas: 1) não separar a ideologia da realidade material do signo; 2) não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social; 3) não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material.

Diante dessas considerações, não é possível considerar a linguagem como algo totalmente desvinculado da vida social, nem tampouco reduzi-la ao nível ideológico, perdendo de vista sua especificidade:

A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora deste vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se de modo inextricável aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode evidentemente isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução (BAKHTIN, 1988, p.124)

Até agora falamos de linguagem como sistema de signos e de seu caráter ideológico. Mas como ressalta Bakhtin, “[...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego está impregnada de relações dialógicas [...] Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza, dialógico” (apud Brait, 2006, p. 12). Dentre as várias definições de discurso, ficamos com a de Brandão (2010), que o



considera como toda atividade comunicativa produtora de sentidos que se dá na intenção entre falantes.

A Análise do Discurso (AD), de tendência francesa, surgiu na década de 60, e nasceu com o objetivo de estudar as condições de produção de um enunciado, não se limitando ao aspecto gramatical, mas também analisando os aspectos históricos, culturais, ideológicos e sociais. Nesse sentido, a AD se configura como um importante referencial teórico-metodológico para a coleta e interpretação dos dados em pesquisas ligadas às ciências humanas e sociais aplicadas, especialmente pensando nessa relação comunicação-trabalho-educação.

Quando um enunciador comunica algo, tem em vista agir no mundo, produzindo um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Mesmo que não pretenda que o enunciatário aja, ao fazê-lo saber sobre algo, realiza uma ação, pois torna o destinatário detentor de um saber. O exame sobre essa rede de relações discursivas no ambiente de trabalho e na escola nos ajuda a entender como a comunicação transforma ou conserva uma determinada situação.

Por exemplo, numa pesquisa sobre dificuldades de aprendizagem dos alunos de uma determinada classe, a análise recairá sobre os discursos estabelecidos por estudantes, professores, direção e pais de alunos, obtidos em entrevistas e também pelos registros no diário de classe. Neste caso, o problema pode estar relacionado às relações de comunicação dentro da sala de aula e é a linguagem verbal que permitirá a aproximação do pesquisador à realidade concreta, revelando as contradições que perpassam este ambiente de ensino, mas também de trabalho.

Segundo Faita (2004), a análise da atividade sob a perspectiva da linguagem, principalmente em situações de trabalho, exige que os pontos de vista sejam ampliados, o que vale tanto para o objeto quanto para o pesquisador. Dessa forma, para entendermos como a linguagem desempenha papel importante no mundo do trabalho ou no ambiente escolar, é preciso situá-la dentro de sua complexidade, que envolve as seguintes questões: Quem fala? De onde? Quando? O quê quis dizer? Além é claro, de tentar compreender o não dito, aquilo que está no interior dos enunciados. Para isso, é fundamental estudar as mediações sociais que circundam os sujeitos.



Estudos de Recepção, Mediações e Tecnologias

Diante dos limites da teoria funcionalista⁴ para compreender os paradigmas da comunicação, entendida por essa linha de pensamento como transmissão linear de informação, os Estudos de Recepção, desenvolvidos na América Latina nos anos 80, procuram entender o processo comunicativo não a partir dos efeitos dos meios, mas em relação aos modos de viver dos sujeitos.

Martin-Barbero (2009) propõe deslocar o debate dos meios para as mediações, ou seja, para os espaços dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural. Nesse sentido, mediação significa que entre estímulo e resposta há um lugar denso de crenças, tradições, sonhos, tudo o que faz parte da cultura cotidiana, sendo que esse aspecto é muito relevante nos povos latinos americanos, em contraste à realidade dos EUA.

Pensar as relações de comunicação a partir da cultura como sugere Barbero nos remete às abordagens teóricas dos Estudos Culturais, iniciadas por Raymond Williams (1979) e ampliadas por Stuart Hall (2003), que criticam a concepção de massa atribuída aos receptores. Os Estudos Culturais nos permitem compreender as transformações nas identidades, nas sensibilidades e nas formas de expressão dos sujeitos, levando em conta as imbricações entre cultura hegemônica e cultura popular.

Ao destacarmos o mundo do trabalho e o espaço educativo como principais mediações no processo de recepção, devemos pensar primeiramente que este receptor (trabalhador/estudante) é simultaneamente produtor e consumidor das mensagens. Ele tanto se apropria quanto reelabora discursos. A respeito disso, Baccega (2006) comenta:

O receptor–sujeito vai ressignificar o que ouve, vê ou lê apropriar-se daquilo a partir de sua cultura, do universo de sua classe, para incorporar ou não a suas práticas. Hoje se sabe que os receptores se tornam co-produtores do produto cultural. São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos preestabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais. (BACCEGA, 2006, vol.11, n.3, p.410)

Para estudar a comunicação nesses microcosmos sociais é preciso problematizar a relação do sujeito com sua atividade. O professor é mediador entre o discurso oficial da instituição de ensino e o da realidade geracional dos alunos. Esse docente ainda é

⁴ A escola funcionalista de origem norte-americana teve como fundadores H. Lasswell, P.Lazarsfeld, entre outros



atravessado pelo discurso de sua categoria profissional, que, muitas vezes, não coincide com os interesses da direção escolar nem do alunado.

Outro aspecto importante quando falamos em recepção atualmente é a mediação ligada às TICs. Para Martin-Barbero, “o lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural” (2004, p. 228). Hoje, a tecnologia não representa apenas aparelhos mais modernos, mas também novos modos de percepção. Dessa maneira, é inevitável que a educação dialogue com essas diferentes formas de interação social, considerando que a escola não possui mais a primazia do conhecimento e da informação.

A centralidade da comunicação desafia a identidade profissional do docente, que, muitas vezes, tem uma formação precária neste tipo de interface, mas, conforme prescrição dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)⁵, precisa incorporar as TICs como prática pedagógica em sala de aula. Tal situação ilustra o embate existente entre norma prescrita e renormalização, o que nos aproxima novamente das questões relativas à abordagem ergológica.

Comunicação e trabalho como crítica à ação comunicativa

Apesar de ser considerado um sucessor dos frankfurtianos, Jurgen Habermas, filósofo alemão, rompe com os dogmas da Escola de Frankfurt ao reconstruir a teoria crítica da sociedade, elaborando os conceitos da ação comunicativa e da comunidade ideal de fala.

Habermas se ancora numa específica filosofia da linguagem, refletindo sobre o papel exercido por ela nas relações sociais e nos processos comunicacionais “[...] a teoría de la acción comunicativa no es una metateoría, sino el principio de una teoría de la sociedad que se esfuerza por dar razón de los cánones críticos de que hace uso” (1999, v. 1, p. 9).

Podemos entender a ação comunicativa como aquela voltada ao entendimento, baseando-se em um processo cooperativo de interpretação, no qual os falantes

⁵ O capítulo Apresentação dos PCNs (2000) diz que os parâmetros cumprem um duplo papel: difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias. Ainda, segundo o documento, “a consolidação do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho”.



interagem simultaneamente no mundo da vida (formado por mundo objetivo, social e subjetivo). Essa ação voltada para o acordo permite que as pessoas realizem seus projetos conforme um desejo mútuo. Para Habermas:

El concepto de acción comunicativa se refiere a la interacción de a lo menos dos sujetos capaces de lenguaje y de acción que (ya sea con medios verbales o con medios extra-verbales) entablan una relación interpersonal. Los actores buscan entenderse sobre una situación de acción para poder así coordinar de común acuerdo sus planes de acción y con ello sus acciones. El concepto aquí central, el de interpretación, se refiere primordialmente a la negociación de definiciones de la situación susceptibles de consenso.(HABERMAS, 1999, v. 1, p. 124)

A linguagem é concebida como prática socialmente construída, potencializada pela capacidade de construir consensos a partir de movimentos dialógicos que ativam relações intersubjetivas, ultrapassando a questão semântica. Assim, a pragmática universal torna-se estruturante das condições que precisam ser satisfeitas para a ocorrência da comunicação. Nesse aspecto, podemos pensar nas relações que ocorrem no mundo do trabalho ou na escola, nas quais, de alguma maneira, há uma tentativa de acordo por meio de uma atividade linguageira, sem o uso da coerção num primeiro momento.

Habermas elabora as condições universais para a ação comunicativa, conforme os atos de fala: comunicativos, deixam claro como os sentidos são estruturados a partir de regras semânticas e sintáticas; constativos, dizem respeito ao esclarecimento do sentido do enunciado enquanto tal, permitindo a montagem dos efeitos de verdade; regulativos, possuem papel performativo de realização enunciativa, revelando as interações enunciator/enunciatório; e representativos, remetem a ideia de dimensão cenográfica da linguagem, estando ligada a expressões, atitudes e intencionalidades dos enunciadores. Os atos de fala ainda envolvem três categorias de pretensão que acabam se cruzando: verdade, correção e veracidade.

O filósofo alemão considera que a situação ideal de fala permite a participação igualitária dos diferentes enunciadores, defendendo que um argumento bem elaborado pode ser capaz de substituir a coerção, o que revela a legitimidade da linguagem nas negociações. No entanto, esses acordos cooperativos dependem dos interesses de cada um desses atores sociais, como nos revela Habermas:

El resultado de la acción depende también de otros actores, cada uno de los cuales se orienta a la consecución de su propio éxito, y sólo se comporta cooperativamente en la medida en que ello encaja en su cálculo egocéntrico de utilidades (HABERMAS, 1999, v. 1, p. 127)



Mesmo dando uma rica contribuição para os estudos da comunicação e da esfera pública, Habermas coleciona polêmicas. Contrariando Lukács, o filósofo alemão nega a determinação da linguagem pelo modo de produção, conferindo primazia à comunicação no processo de evolução social. Ele considera o processo comunicativo como categoria fundamental na contemporaneidade, reduzindo o papel do trabalho na criação de valores e na socialização do ser social.

Ao separar “mundo da vida” e “sistema”, numa clara crítica ao pensamento totalizante de Marx, Habermas aposta no idealismo, representado pelo pragmatismo linguístico em detrimento do materialismo histórico. Antunes (2001) discorda dessa cisão por considerar que “mundo da vida” e “sistema” não podem ser separados, uma vez que são partes integrantes e constitutivas da ontologia do ser social.

No entanto, Habermas é contestado tanto por sua tese de separação entre “mundo da vida” e “mundo sistêmico” quanto por ignorar o conflito de classes. O filósofo alemão quando elaborou a teoria da ação comunicativa acreditava que essas disputas pudessem ser pacificadas por meio de negociações, pensando que o homem naturalmente busca o consenso e a razão.

Ao deslegitimar a centralidade do trabalho, Habermas acaba não considerando a comunicação como uma arena de conflitos. Talvez esse seja o maior erro de sua teoria, ao pressupor que o ato comunicativo signifique ausência de luta. Pelo contrário, o diálogo entre agentes discursivos exige o embate de ideias, mesmo que no final resulte em conformidade, como, por exemplo, na relação patrão-funcionário ou professor-aluno.

Considerações Finais

A importância de entender as relações de comunicação no mundo do trabalho, a partir das transformações culturais, nos ajuda a compreender a ressignificação das práticas pedagógicas e dos espaços educativos. Em virtude da globalização e da revolução tecnológica, o mercado de trabalho modifica-se vertiginosamente, o que acaba se refletindo no conjunto da sociedade.

Para a Ergologia, o trabalho transcende a noção de atividade remunerada e é resultante da relação do homem com o seu meio e também com o outro. Por isso, é fundamental o estudo da linguagem, tendo o discurso como material privilegiado de



análise para reconstruir o sentido das palavras. Não é possível pensar a comunicação pela linguagem, excluindo a dimensão dialógica, daí a necessidade de recorrermos aos conceitos teóricos da Análise do Discurso (AD).

O Estudo de Recepção, com enfoque nas mediações, também é uma importante abordagem metodológica, ao nos ajudar a entender o que acontece entre o sujeito e seu entorno, superando a visão funcionalista emissor-receptor. Nesse aspecto, o mundo do trabalho se aproxima do ambiente de ensino-aprendizagem, levando-se em conta que as relações de comunicação estabelecidas entre os membros desses coletivos são influenciadas pelos diferentes repertórios culturais.

Nos últimos tempos, um dos principais objetivos da educação formal é produzir conformidade ou consenso, o que nos remete à ação comunicativa de Habermas, que aposta na busca de entendimento entre os falantes. Ignorando a ontologia do ser social, o filósofo alemão reduz o problema a uma esfera linguística. A tentativa de aproximação entre comunicação, trabalho e educação não pode ser ancorada nessa visão idealizada da linguagem, por isso, acreditamos que o signo, como afirma Bakhtin, se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes.

Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

BACCEGA, M. Aparecida; GUIMARAES, M. de Oliveira. **Da comunicação à educação:** a importância dos estudos de recepção. *Comunicação&Educação*. [online]. 2006, vol.11, n.3, p. 409-414.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, H. H. Nagamine. **Analisando o discurso**. Disponível em: http://www.estacaodaluz.org.br/files/mlp/texto_1.pdf. Acesso em 04 out. 2011.



CITELLI, A. Odair. **Comunicação e linguagem**: diálogos, trânsitos e interditos. Matrizes (USP), v. 1, p. 13-30, 2008.

CITELLI, A. Odair; COSTA, M. C. Castilho (orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FAÍTA, D. **A análise de práticas linguageiras e situações de trabalho**: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. Perez; FAÍTA, D. (orgs.) **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

FÍGARO, R. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Comunicação e Trabalho**: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación, n. 4, primeir semestre 2009, p. 23-49. Universidad Complutense de Madrid.

_____. **Educomunicação e Ergologia**: abordagens inovadoras para a análise de situações de trabalho dos comunicadores. In: Congreso Educación mediática y Competencia Digital, 2011, Segovia (ESP). Anais do Congreso Educación mediática y Competencia Digital. Disponível em:
<http://www.educacionmediatica.es/comunicaciones/Eje%204/Roseli%20Figaro.pdf>.
Acesso em 02 jan. 2012.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**. Vol I. Madri: Taurus, 1999.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.

KARSENTY, L; LACOSTE, M. **Comunicação e Trabalho**. In: FALZON, P. Ergonomia. São Paulo: Blucher, 2007.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

_____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Vol I, livro Primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985.



MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, B. de Souza. **Da ideia de universidade à universidade de ideias**. In: Pela mão de Alice: o social e o político nas pós-modernidade. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.

_____. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

SOUZA-E-SILVA, M.C. Perez. **O trabalho do professor sob um enfoque ergológico-discursivo**. Ciente-fico.com (Impresso), v. II, p. 195-205, 2007.

VIGOTSKI, L. Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.